
UMA PROFESSORA EMPREENDEDORA E O PROTAGONISMO INFANTIL NA ESCOLA

Silvana Neumann Martins¹

Jacqueline Silva da Silva²

Mariângela Costa Schneider³

Luciane Abreu⁴

Resumo: A partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que teve como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada com uma professora com características empreendedoras, atuante na Educação Básica, este estudo traz exemplos de como foi realizada a organização do trabalho em sala de aula com base no Protagonismo Infantil. Como resultados, destaca-se que a postura empreendedora da professora juntamente com o Protagonismo de seus alunos favoreceram tanto o ensino quanto a aprendizagem na escola. Com isso, pode-se concluir que um professor com perfil empreendedor favorece o desenvolvimento do Protagonismo Infantil, na sala de aula.

Palavras-chave: Protagonismo Infantil; Empreendedorismo; Ensino; Educação Básica.

Abstract: Following a qualitative approach that featured as its research instrument a semistructured interview with a teacher of enterprising characteristics, who is active in Basic Education, this study carries examples of how classroom work was organized based on Child Protagonism. From the results, it is worth pointing out that the teacher's enterprising posture, together with the students' Protagonism, favor both teaching and learning at school. This way, it can be concluded that a teacher with an enterprising profile favors the development of Child Protagonism in the classroom.

Keywords: Child Protagonism; Enterpreunershihp; Teaching;Elementary Education.

INTRODUÇÃO

¹Doutora em Educação pela PUC/RS. Professora Titular do Centro Universitário UNIVATES. smartins@univates.br.

²Doutora em Educação pela UFRGS/RS. Professora Titular do Centro Universitário UNIVATES. jacqueh@univates.br.

³ Mestre em Ensino pelo Centro Universitário UNIVATES. Coordenadora Pedagógica das Escolas Municipais de Educação Infantil de Lajeado/RS. mariangelac@universo.univates.br.

⁴ Mestre em Educação pela UFRGS/RS. Docente na Educação Básica e do Ensino Superior. luabreu.educar@yahoo.com.br.

Este artigo decorre da pesquisa intitulada “Mestrados para a formação de docentes: um lócus de (re) construção e de aprendizagem”, vinculada ao Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas – PPGECE, bem como o Mestrado em Ensino – PPGEnsino, do Centro Universitário UNIVATES, instituição com sede em Lajeado/RS/Brasil.

A pesquisa em questão almeja reconhecer exemplos de práticas que possam estar indo ao encontro do perfil profissional que os cursos de mestrado desejam construir com as próprias formações de professores. Assim, o propósito deste trabalho corrobora com o objetivo da pesquisa: conhecer práticas empreendedoras que possam ser inspiradoras na formação de professores atuantes tanto na Educação Básica como no Ensino Superior.

Ao encontro deste objetivo está o fato de uma das pesquisadoras ter desenvolvido o seu doutorado em educação com foco nas atividades da professora entrevistada. Assim, conhecendo a prática que ela desenvolvia junto aos alunos tanto da Educação Básica como do Ensino Superior, deduziu-se que realizar uma entrevista com essa profissional poderia favorecer o desenvolvimento da pesquisa, contribuindo para os docentes e pesquisadores atuantes junto aos mestrados em ensino da instituição.

Diante desses aspectos, esta pesquisa, de abordagem qualitativa, entrevistou uma professora reconhecida pela comunidade escolar pelo trabalho desenvolvido junto às crianças do Primeiro Ano do Ensino Fundamental e por investigar a sua própria prática docente. Essa entrevista semiestruturada foi realizada em três momentos, por dois professores pesquisadores, totalizando nove horas. Foi gravada e transcrita, sendo que parte de sua análise será apresentada neste artigo. Destaca-se que, posteriormente, a professora também se tornou autora deste artigo, uma vez que, como investigadora da sua própria prática, contribuiu ainda mais com as análises realizadas pelos pesquisadores, tornando-o mais potente, trazendo, nesse sentido, elementos dos bastidores do processo de construção do livro e do filme produzidos por ela junto às crianças.

Essa entrevista teve como objetivos verificar as características empreendedoras dessa professora, conhecendo especialmente suas práticas pedagógicas junto aos alunos da Educação Básica, as quais serão aqui descritas. É também objetivo deste artigo apresentar reflexões a respeito do Protagonismo Infantil, uma vez que ele, aliado ao empreendedorismo da professora, resulta em um trabalho diferenciado, construído com os alunos do Primeiro Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, com apoio das famílias e da comunidade escolar.

Dessa forma, inicialmente, apresentamos o conceito de Protagonismo Infantil baseado nos estudos de Reggio Emília/Itália, que considera a criança como potente, ativa, capaz de criar mapas para a sua própria aprendizagem. Em seguida, partimos para o conceito de empreendedorismo, fundamentado nos estudos de Dolabela (2010). Posteriormente, para contextualizar o leitor nas reflexões sobre a entrevista, apresentamos o perfil da professora, bem como parte de sua experiência e formação profissional. Agregando à contextualização, apresentamos as metodologias de trabalho utilizadas por ela, assim como suas produções junto aos alunos, que originaram a criação de um livro de literatura infantil e de um audiovisual, produzido por ela e pelas crianças.

CONCEITUANDO PROTAGONISMO INFANTIL E EMPREENDEDORISMO

A contextualização do conceito de Protagonismo Infantil a que se refere esta escrita está interligada aos estudos oriundos das escolas municipais da cidade de Reggio Emília/Itália. Esses estudos se fundamentam nos princípios do Planejamento Emergente (RINALDI, 1999, MALAGUZZI, 1999), difundidos especialmente através do livro: “As cem linguagens da criança” (EDWARDS, 1999), que evidencia as potencialidades das crianças, expressadas através de linguagens.

Entende-se como protagonista uma criança rica em possibilidades, ativa, crítica, capaz de envolver-se em seus próprios processos de ensino e de aprendizagem. Conforme Rinaldi (2012, p.156):

Um dos pontos focais da filosofia de Reggio Emília, como escreveu Loris Malaguzzi, é a imagem da criança que, desde o nascimento, se encontra tão engajada no desenvolvimento de um relacionamento com o mundo e tão desejosa de experimentar esse mundo, que chega a criar um sistema complexo de habilidades, aprendendo estratégias e formas de organizar os relacionamentos.

Essa criança tão capaz, autêntica, “ativa, competente e crítica” (RINALDI, 2012, p. 156) torna-se mais desafiadora a quem a educa, já que é preciso desafiá-la, abrindo espaço para que ela faça parte das decisões que lhe dizem respeito, tanto em casa, quanto na escola. E, por ser desafiadora, ela “produz mudança e movimento dinâmico nos sistemas em que está envolvida, inclusive na família, na sociedade e na escola. Ela produz cultura, valores e direitos, é competente para viver e aprender” (RINALDI, 2012, p. 157).

Essas mudanças e movimentos produzidos pela criança nos sistemas em que está inserida são possíveis quando há um professor aberto ao que vem das próprias crianças e que se utiliza do que elas estão trazendo para dar mais sentido ao seu planejamento, pois, conforme Malaguzzi (1999) – um dos mentores dessa proposta de Reggio Emília/Itália –, devemos seguir as crianças e não planos.

Compartilhando dessa ideia, a professora entrevistada narra que foi importante ouvir e perceber o que as crianças queriam expressar por meio de suas falas, seus gestos, seus registros e intervenções nas situações que foram propostas a elas, como também naquelas que elas mesmas propuseram. No desenrolar das conversas e observações das falas, das produções gráficas, textuais, surgiu o desejo da professora de provocar, problematizar e ampliar as percepções das crianças sobre aquilo que assimilavam, interpretavam e ressignificavam sobre as noções do belo e do feio. Ao expressarem essas noções por meio das diferentes produções, indicavam seus pontos de vista e mostravam o modo como compreendiam o mundo.

Nesse sentido, a criança, quando percebida como Protagonista, ao encontrar-se com um professor com características Empreendedoras e com uma visão atenta, encontra espaço para fazer parte da sua própria construção de conhecimento. E ambos – professor e criança – passam a mergulhar num mundo desconhecido e curioso, o que promove aprendizagens tanto para o professor quanto para a criança. Assim, um professor Empreendedor é compreendido como:

[...] aquele profissional que deve saber persuadir seus pares e seus alunos de que sua visão poderá levar a todos a uma situação confortável no futuro, o que chamo de aprendizagem. Esse professor deve se munir de uma boa dose de energia, perseverança e paixão, para construir o seu sonho e continuar em frente, apesar dos obstáculos, apesar das armadilhas e da solidão. Percurso não muito fácil, mas para um indivíduo que tem como um dos principais atributos identificar oportunidades, agarrá-las e buscar recursos para transformá-las em conhecimento e aprendizagem, pode ser possível (MARTINS, 2010, p.17).

É provável que a professora entrevistada para esta pesquisa considere possível construir seu sonho e, por isso, esteja fazendo a diferença no cenário educacional. E muitas características suas vão ao encontro do que Martins (2010) descreveu na citação acima como características Empreendedoras. Na sequência do texto, apresentamos o que se entende por Empreendedorismo e as características de um empreendedor.

O Empreendedorismo, que teve suas origens no ramo empresarial, pode ser problematizado em outros setores, a partir de algumas características. Conforme traz Dolabela (2003, p. 38): “É empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade”. Nesse sentido, a escola pode ser favorecedora do Protagonismo Infantil. Um dos preceitos para que isso seja possível, é contar com um professor com características empreendedoras. Segundo Dolabela (2010, p. 44), o empreendedor é alguém que “Além de energia e perseverança” contém “uma grande dose de paixão”. Segundo ele: “O empreendedor é alguém que acredita que pode colocar a sorte a seu favor, por entender que ela é produto do trabalho duro” (DOLABELA, 2010, p. 44). Além disso, “um dos principais atributos do empreendedor é identificar oportunidades...” (DOLABELA, 2010, p. 45).

As colocações sobre Empreendedorismo transcritas até aqui podem, em muitos momentos, ser transpostas para a educação. A educação Empreendedora que trazemos para reflexão neste artigo pode oportunizar transformações e movimentos, ressignificando as dimensões pessoais, pedagógicas e culturais que permeiam o ato educativo. Exemplos de como estar entrecruzando o empreendedorismo e o protagonismo serão expostos ao longo deste trabalho, a partir da fala da professora entrevistada.

O EMPREENDEDORISMO E O PROTAGONISMO INFANTIL ENTRECruzADOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Nas muitas formas de ser professor, nos muitos jeitos de ser criança, na diversidade do mundo, enredam-se muitas histórias. Histórias que nem sempre são compartilhadas, nem sempre são contadas e que acabam, muitas vezes, ficando no anonimato. Eis aqui uma história que une uma professora Empreendedora a crianças Protagonistas, transformando a arte de ensinar e de aprender em uma deliciosa aventura.

Diversas histórias acompanharam o trabalho da professora/pesquisadora com as crianças ao longo da sua caminhada profissional. Muitas histórias eram criadas, outras reproduzidas, mas elas sempre estavam presentes no dia a dia da professora. Entretanto, com o passar dos anos, a iniciativa das crianças de brincarem e desejarem inventar histórias que, de certa maneira, traduzissem o seu meio familiar, a maneira como viam o mundo, chamou a atenção da professora e a desafiou a pensar sobre como pesquisar, interagir com as crianças,

construindo o seu olhar e tornando-as cada vez mais protagonistas, a partir do contato com diferentes linguagens e dos encontros mais inusitados.

Essa história, alicerçada nas inquietudes dessa professora – empreendedora, incessante pesquisadora e parceira das crianças –, apresenta práticas extraídas da sala de aula, recheadas por crianças curiosas e Protagonistas. Nessas práticas, desenham-se “bruxas e fadas⁵”, e a “feiúra e a boniteza⁶” vão sendo trazidas para o contexto escolar através de um “mergulho” a reinos que podem ser habitados tanto por “ratos⁷”, quanto por pessoas. E nesse cenário, com personagens fantásticos misturados com personagens reais, dá-se a escrita deste artigo.

No momento em que se abre espaço para que as crianças possam compartilhar com a professora as suas ideias, trazendo as suas interrogações e envolvendo-se nos processos de ensino e de aprendizagem, e a professora, com características inovadoras, se utiliza disso, o planejamento vai sendo aprimorado, tornando-o diferenciado e único.

A pesquisa realizada pela professora focou seu olhar no sentido de aproximar uma temática em que as crianças do grupo investigado tinham acesso e que estava chamando a atenção do grupo, que era sobre o belo e o feio. Observava que essas ideias sobre o belo e feio estavam relacionadas ao universo dos contos de fadas e de seus personagens, entre eles princesas, príncipes, bruxas, bruxos, criaturas fantásticas, dentre outros. Além desses repertórios, também notava que as crianças traziam referências mais amplas sobre essa temática, do universo visual que acessam cotidianamente, dos filmes, das revistas, das propagandas, etc.

A pesquisa foi se constituindo à medida que chamou a sua atenção, como professora/pesquisadora, o quanto as manifestações das crianças estavam repletas de falas, sentimentos, desejos, imagens hegemonicamente dominantes às quais elas tinham acesso e que, ao mesmo tempo, indicavam uma naturalização das noções sobre o belo e o feio. A intenção foi propor intervenções que problematizassem o que as crianças falavam, pensavam, escreviam, sabiam, ouviam e indicavam sobre seus conhecimentos, sobre suas noções em

⁵ Do livro produzido pela professora e alunos: “Cabruxa, a bruxa inventada” (2009).

⁶ Da dissertação de mestrado da professora, intitulada: “Bruxas, Bruxos, Fadas, Princesas e outros bichos esquisitos - Apropriações infantis do belo e do feio nas mediações culturais”, UFRGS, (2010).

⁷ Do filme: “A invasão dos ratos”. 1º Lugar Prêmio Arte na Escola - Categoria Educação Infantil e Séries Iniciais, Instituto Arte na Escola, 2006.

relação ao belo e ao feio nos diferentes contextos visuais, culturais e sociais com os quais elas tinham contato.

É nesse sentido que a prática Empreendedora da professora se entrecruza com o Protagonismo da criança. Uma professora com características como a liderança e a inovação pode ser uma desencadeadora e facilitadora do Protagonismo Infantil. Dessa forma, as situações de aprendizagem desenvolvidas na sala de aula “para” e “com” as crianças tornam-se mais significativas para ambos os envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem.

Na sequência, apresentamos a forma com que a professora foi se constituindo ao longo da vida e como isto refletiu na sua maneira de colocar-se frente às crianças na sala de aula.

Era uma professora que se dizia muito inquieta, e que, antes mesmo de ser professora, vivia perguntando tudo pra todo mundo:

“[...] eu sempre fui uma aluna muito questionadora, eu sempre me perguntava muito sobre as coisas, sobre tudo (...) quando eu era criança, eu também tive um universo muito rico, tinha irmãs mais velhas que me contavam muitas histórias, e o meu pai ouvia muita música clássica, MPB, então, era um universo, que me estimulava, me instigava a gostar de artes, a gostar de histórias, a gostar de músicas. Ah e, eu tinha uma irmã que era fotógrafa, e naquela época ela me levava para o laboratório, onde ela trabalhava, então, aquilo, eu achava o máximo. E essas coisas foram provocando uma curiosidade em mim, foram me provocando a questionar, a perguntar o porquê das coisas. Porque a gente só aprende quando tem questionamentos internos” (Professora entrevistada).

A fala da professora sobre suas vivências pessoais vai ao encontro do que Dolabela (2010, p. 68) nos traz sobre o ser empreendedor: “o empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive (época e lugar)”. Nesse sentido, a própria cultura adquirida pela professora ao longo da sua vida, e sua inquietação e curiosidade a acompanhou na sua formação pedagógica, desde que cursou o Magistério, perpassando pelo curso de Pedagogia, a especialização e o mestrado em Educação. Ela relatou que sempre precisava mais do que apenas as informações trazidas pelos professores e, questionando, ela ia desenvolvendo o seu senso crítico e a vontade de fazer algo diferente em sala de aula.

Aos poucos, então, foi movimentando-se daqui e dali, transformando suas ações de sala de aula em ações Empreendedoras, como, por exemplo, a criação de um livro, desenvolvido a partir de pequenas situações de aprendizagem junto aos alunos do Primeiro Ano do Ensino Fundamental. Dessas atividades originou-se a obra intitulada “Cabruxa, a bruxa inventada”, publicado em 2009, em que as crianças auxiliaram tanto na criação quanto

na ilustração da história. Outro exemplo emergente também de proposições lançadas reciprocamente em sala de aula foi a produção de um audiovisual denominado “Invasão dos ratos”, em que as crianças do Primeiro Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos tiveram autoria tanto na composição do enredo, quanto na sua dramatização.

Destaca-se, ainda, que foram as pequenas ações cotidianas e o olhar atento da professora que foram desencadeando os interesses das crianças, e, aos poucos, foram sendo organizados em conjunto, transformando-os em realidade. Essas ações são realizadas, na maioria das vezes, por pessoas como a professora aqui entrevistada, que, no dia a dia, conseguem efetivar seus objetivos, mesmo diante de adversidades.

Por meio das produções gráficas geradas pelo grupo investigado, ficou perceptível como as crianças representaram de modo significativo sua maneira de ver o mundo, o universo cultural em que estão inseridas. Manifestaram, portanto, o modo como as informações que lhes são oferecidas por esse universo cultural agem sobre elas. Da mesma maneira, no entanto, essas crianças demonstraram como elas transgridem, aceitam ou produzem e transformam essas informações, a partir dos elementos que lhes são oportunizados, por meio das suas culturas de infância.

A curiosidade da professora/pesquisadora foi envolvendo-se com a curiosidade das crianças e, juntos, professora e alunos, foram escrevendo a sua história. O Protagonismo de seus alunos foi delineando sua forma de planejar. Foram tecendo diversas situações que resultaram em aprendizagens diferenciadas e desafiadoras, tanto para os “pequenos”, quanto para os “grandes”, envolvidos no processo.

A professora relatou que se ampara em referenciais teóricos adquiridos ao longo do tempo de formação, na área das infâncias, da cultura visual, da alfabetização e do letramento. Segundo ela, esses teóricos a ajudaram a pensar sobre algumas questões a respeito da infância, percebendo as crianças como Protagonistas de suas aprendizagens. E salientou que, hoje, seu jeito de pensar teoricamente e de organizar o planejamento na sala de aula perpassa pelos ensinamentos desses autores.

Sua prática atual, desenvolvida com os alunos do Primeiro Ano do Ensino Fundamental, além dos referenciais teóricos e da formação citada, carrega ainda uma longa experiência de 19 anos de docência, a qual se desenvolveu tanto na Educação Infantil, como

no Ensino Fundamental e ainda na Coordenação Pedagógica de uma escola de Educação Infantil. Ela relatou que toda a sua caminhada lhe possibilitou transitar pelos dois níveis de ensino, já que cursou especialização em Educação Infantil, e seu curso de Pedagogia é com habilitação em Séries Iniciais. Então, quando iniciou a exercer a docência no Ensino Fundamental, diz ter sido uma transição tranquila, porque foi incorporando as questões da alfabetização.

Ao atuar em sala de aula, essa inquietude e vontade de querer sempre mais, somada com o referencial teórico e a experiência que foi sendo agregada à sua caminhada, refletiram diretamente no desenvolvimento de seu fazer pedagógico. Isso permitiu inovações, investimento em sonhos compartilhados com seus alunos. Nesse sentido, a professora relatou que se deixa levar pelo que é trazido pelas crianças, permitindo que seu planejamento seja preenchido a partir dessa interação. Como ela diz, “*não sai inventando nada*” de antemão. Ela vai alinhavando o seu trabalho com o que é sinalizado pelas crianças

A colocação de Fortunati (2009, p. 73), ao se referir ao papel dos professores, coincide com a prática dessa professora, pois acentua que uma das responsabilidades do professor seria a de:

[...] – por um lado, chegar a imaginar – fazendo referência aos próprios horizontes culturais e à imagem da criança e ao desenvolvimento que se construiu sobre o entrelaçamento criado entre as experiências e a formação – quais são os projetos que possam requerer que as crianças sejam as protagonistas de certas experiências significativas para seu desenvolvimento.

Como vemos, desde o início, os horizontes culturais de que fala Fortunati, estão presentes na prática da professora, trazendo um entrelaçamento pautado nas suas experiências e na sua formação, abrindo um leque variado para a criação de projetos junto com os alunos.

A professora afirmou que tem “gosto por dar aulas”, tanto para crianças como quando pode estar em contato com professoras, prestando assessorias, ou mesmo lecionando no Ensino Superior (PARFOR). Relatou, ainda, que estar constantemente em sala de aula a “nutre” e a faz pensar em diversas questões, entrecruzando as experiências.

A dinâmica de trabalho intenso desenvolvida pela professora, pautada em estudos, pesquisas e numa prática cotidiana elaborada constantemente, lhe assegura aulas em que o seu próprio Empreendedorismo a está sempre lançando a novos desafios, quando somado ao Protagonismo de seus alunos. E, juntos, passam a trilhar um caminho que vai sendo

construído no desenvolvimento do trabalho, complementando a segunda responsabilidade do professor que, de acordo com Fortunati (2009, p. 73), consiste em:

(...) - acompanhar as crianças no percurso proposto com uma atitude educacional consciente, valorizando a adequação das diversas situações para redefinir, progressivamente, expectativas e hipóteses de trabalho congruentes e, por último, conseguir que emergjam, permitindo valorizarem os sentidos que as crianças puseram na brincadeira.

Em sala de aula, as personagens crianças e professora são protagonistas e autores de suas aprendizagens. Aprendem lado a lado, umas com as outras, interligadas afetivamente e implicadas em construir uma trajetória coletiva à medida que cada uma tem inúmeras possibilidades de manifestação de seus saberes, conhecimentos e curiosidades.

Com essas características, a professora deixa transparecer o seu lado empreendedor. Cria e recria situações que transformam o seu fazer diário, tornando-o enriquecido e significativo, tanto para si mesma quanto para as crianças, pois consegue, ao mesmo tempo em que abre espaço ao Protagonismo Infantil dentro de seu planejamento, manter o seu empreendedorismo latente, que é parte constituinte da sua prática. Conforme Berlim et al. (2006, p. 3):

Uma educação empreendedora deve oportunizar espaço para a criatividade e a iniciativa. Deve prever espaços que valorizem a possibilidade do sonho e a capacidade de projetar o futuro. Como não existe apenas um caminho, cada escola deve procurar conhecer o seu entorno social, as características peculiares da comunidade escolar, reavaliar seu projeto político pedagógico e, a partir daí, construir um currículo que proponha conhecimentos e desenvolva habilidades, competências e atitude empreendedora.

Nesse sentido, na inexistência de um caminho único ou pré-definido, abrem-se diversas possibilidades, que podem fazer emergir uma gama de aprendizagens que perpassam uma trilha de previsão inimaginável, construídas no decorrer do trabalho com as crianças.

O EMPREENDEDORISMO NA SALA DE AULA: QUE TRAMAS PODEM EMERGIR?

Estar em sala de aula, frente a uma turma de alunos, exige inovações e estudos constantes, bem como energia e disposição. Para estar empreendendo situações diversas com

os alunos, não basta chegar à sala com uma aula preparada e “aplicá-la. É preciso conseguir enxergar nas pequenas situações e nos acontecimentos cotidianos, potencialidades para inovar e aprimorar o conhecimento e a forma de adquiri-lo. “[...] *tem que ser curioso, e não pode desistir fácil das coisas. Tem que ser um buscador, indo atrás daquilo que acredita...*” (Professora entrevistada).

Percebe-se que, em relação às crianças, a intenção da professora foi vê-las como um investimento gradativo que dependia da participação e da intervenção das crianças; ou seja, o que emergia do grupo era utilizado para constituir um campo de investigação, oportunizando uma educação crítica. Nesse sentido, encontra-se em Larrosa (2002, p. 25) uma corroboração para certas investidas, quando diz que: “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”.

Refletindo sobre isso, podemos dizer que diversos momentos desse tipo acompanharam a experiência com as crianças ao longo da caminhada profissional dessa professora. Esses momentos se transformaram em registros, em histórias pessoais e de grupo: histórias a partir das experiências que se vive no contexto escolar, histórias narradas, outras criadas, algumas reproduzidas pelas crianças nas suas diferentes produções, mas que, de uma maneira ou de outra, estavam presentes em seu dia a dia como uma professora, que buscou usar suas experiências pedagógicas como pesquisa.

A professora deste estudo trouxe um olhar apurado frente às situações e demonstrou que possui uma característica sobre pessoas Empreendedoras, descrita por Dolabela (2003, p. 35): “[...] a capacidade do ser humano de ser protagonista do próprio destino, de agir intencionalmente para modificar sua relação com o outro e com a natureza e de se recriar constantemente”. Recriando-se constantemente, reorganizando suas aulas a cada dia, “linkando”, como ela mesma diz, aspectos da sua experiência, com o seu fazer diário, a professora constrói seu modo de planejar características e resultados ímpares.

Esse “linkar” que a professora diz fazer, unindo a sua responsabilidade de alfabetizar as crianças do Primeiro Ano com o que as crianças trazem, denota o que Fortunati (2009, p. 38) apresenta:

Na verdade, assumir uma imagem forte, rica e potencial da infância necessita uma correspondente transformação do papel do adulto em uma direção em que sua ação se desenvolve muito mais sobre a organização de contextos estruturantes que sobre a proposta de estímulos diretos no fazer das crianças, muito mais sobre a capacidade de reconhecimento e expansão das diversidades

dos estilos de condutas das crianças que sobre a ânsia de conduzi-las para atuações precisas e pré-definidas, atendendo tanto a processualidade da atuação quanto a expressão de uma estratégia evolutiva que o afã de certificar o estágio de desenvolvimento alcançado no âmbito de supostos parâmetros gerais.

Os resultados do trabalho dessa professora, a partir de contextos estruturantes de que fala Fortunati, são materializados em dois projetos que desencadearam na produção de um audiovisual com uma turma do Primeiro Ano do Ensino Fundamental, intitulado “Invasão dos ratos” e ainda na produção de um livro infantil, “Cabruxa, a bruxa inventada”. Os processos desencadeadores do livro e do audiovisual foram o que tornaram mais enriquecidos os trabalhos, envolvendo adultos e crianças, em produções sistematizadas e organizadas pela professora.

Sendo assim, as situações de aprendizagem diferenciadas lançadas pela professora aos alunos a partir das pistas que coletava junto ao grupo foram desenhando projetos muito interessantes. O projeto do filme “A invasão dos ratos”, premiado em 2006 pelo Instituto Arte na Escola, nasceu, segundo a professora, a partir de situações que as crianças foram trazendo e enquanto ela foi abrindo espaço no seu planejamento para que as crianças pudessem ser Protagonistas, elas mesmas foram lançando desafios a ela, como professora. Ela fez o que Malaguzzi (1999) sugere que os professores façam: devem entrar no jogo de pingue-pongue com as crianças, ou seja, quando as crianças jogam a bola, o professor a devolve e continua o jogo.

Esse jogo começou com a ideia de fazer um teatro, mas, a partir de situações de aprendizagem proporcionadas em sala de aula, as crianças tiveram a ideia de fazer um filme. Porém, a professora não tinha conhecimento a respeito da produção de um filme, de que recursos precisariam, entre outras questões, o que incitou um descrédito no empreendimento, até mesmo da parte de sua própria família. Porém, com otimismo e determinação, ela embarcou na aventura com a turma de alunos e foi descobrindo, passo a passo, como deveria ser feita a produção do audiovisual e, juntamente às crianças, foi descortinando os caminhos para que o resultado fosse possível.

Ela salientou: *“as crianças são Protagonistas de um processo, porque elas tiveram vez e voz, e a gente foi construindo juntos esse processo de aprendizado e de muitos conhecimentos”*. Ela mencionou, ainda, que as “crianças tocaram o projeto, e me fizeram tocar o projeto.” Segundo a professora, ela foi articulando seu planejamento a partir do que as crianças vinham sinalizando, e não ficava preocupada em motivá-las para fazer o filme; pelo

contrário, o trabalho fluiu. Genz Gaulke (2013, p. 97) pactua com a forma de trabalho dessa professora, uma vez que ela traz a ideia de Protagonismo compartilhado, salientando que:

O protagonismo está nas relações constituídas diariamente entre a professora, as crianças e os conhecimentos, relações que, neste caso, podem fazer emergir o protagonismo compartilhado. Os fatores mais importantes para acontecer ou não o protagonismo compartilhado estão, portanto, a meu ver, na atenção, na escuta e nas trocas que vão ocorrendo entre os sujeitos cotidianamente e que vão constituindo as relações; nas características da produção da convivência entre professor e crianças, e não de quem dá partida e/ou de quem protagoniza a proposta inicial.

Nesses encontros de escuta com as crianças, a professora oportunizava situações de aprendizagem que foram aproximando os “conteúdos” do Primeiro Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos a assuntos que desejavam abordar no filme. A partir disso, eram lançados questionamentos pela professora ao grupo: como seria aquele reino? quem seriam os personagens?

Então, a turma fez construções do reino na areia, que foram fotografados. Em seguida, fizeram maquetes, o que envolveu diversas áreas do conhecimento. A professora também convidou alguns profissionais para conversarem com as crianças a respeito de assuntos que iam emergindo no decorrer do projeto, como um pediatra e enfermeiros. O pediatra falou sobre as doenças causadas pelos ratos e os enfermeiros foram convidados porque uma personagem do filme seria enfermeira e porque o rei tinha prendido o pé numa ratoeira. Em razão disso, os profissionais falaram sobre sua rotina diária de trabalho e também sobre primeiros socorros. Enfim, a professora relatou que o projeto aproximou assuntos diversos.

Tanto para o desenvolvimento dessas situações de aprendizagem quanto para a produção do audiovisual em si, essa professora Empreendedora, aliada a alunos Protagonistas, como a própria professora os descreve, “com ‘espírito’ de fazer coisas diferentes”, foram mobilizando pais e comunidade em geral. Segundo a professora entrevistada:

“[...] foi algo completamente inusitado, porque a gente buscou todo tipo de experiência, desde as questões de cenário, desde as questões do espaço, as gravações, um profissional que viesse gravar, que tomasse conta desse contexto todo, que era o universo que as crianças e eu estávamos mergulhadas... Buscando cada coisa, pedindo uma ajuda aqui outra ali, os profissionais foram aparecendo e o filme foi se constituindo num projeto bárbaro, maravilhoso.”

É importante dar destaque para o papel fundamental que teve a professora no desenrolar desse processo, que foi sendo enriquecido e aprimorado a cada dia, sem deixar de lado a função essencial do ensino no Primeiro Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos. Pois, central aos estudos de Empreendedorismo é:

[...] o próprio empreendedor, tendo em vista que é o coração do empreendimento (MORRISON, 1998). Schein (1985, p. 30) argumenta que o empreendedorismo está relacionado “à criatividade e à propensão de criar algo novo, envolvendo a motivação para superar obstáculos, propensão por aceitar riscos e desejo de elevação pessoal em qualquer objetivo a ser alcançado” (ZAMPIER; TARTAHASCHI, 2011, p. 527).

A mobilização de um grande grupo, a motivação dos pais, que abraçaram a ideia junto com a professora e as crianças, e a organização de todo um trabalho, até então desconhecido pela professora, fizeram desse trabalho de sala de aula um grande empreendimento. Isso desencadeou um ano de trabalho intenso, sendo dois meses de gravações, o que resultou no audiovisual que envolveu aprendizagens que extrapolaram os conteúdos programados para o ano.

Toda a motivação, a organização, a busca por pessoas para auxiliar a desenvolver o projeto tornam visíveis outras características empreendedoras da professora: a liderança e a capacidade de produzir mudanças, tanto em si quanto no meio. Conforme Dolabela (2003, p. 37):

[...] o espírito empreendedor se relaciona com a forma de ser – algo ligado a estilo de vida, visão de mundo, protagonismo, inovação, capacidade de produzir mudanças em si mesmo e no meio ambiente, meios e formas de buscar a auto-realização, incluindo padrões de reação diante de ambiguidades e incertezas.

Vale destacar que o encontro das crianças Protagonistas com uma professora com características Empreendedoras foi fator determinante para o sucesso dos trabalhos realizados, pois não bastaria que somente a professora quisesse empreender sozinha, nem mesmo que as crianças, sozinhas, ousassem fazer um filme com tamanha complexidade. A união dessas personagens é que resultou num trabalho tão significativo quanto esse.

É importante salientar, ainda, que a liderança da professora foi dando às crianças a energia necessária para que seu Protagonismo aflorasse, uma vez que o professor pode tanto inibir, quanto acentuar o Protagonismo Infantil, conforme Rinaldi (2012). A professora apresenta ter consciência disso, quando relatou que:

[...] trabalhando com crianças tem dois viés, a criança é protagonista, ela te ajuda, ela investe nos próprios saberes junto com o professor, mas tu tem que dar um limite também pra ela, porque se tu não dá um limite ela invade todos os teus espaços. Então a gente tem que ser aquele professor que coparticipa junto com eles, mas que eles entendam também que existe um limite, que o professor vai conduzindo o trabalho e que eles tem uma participação. E isso gera todo um trabalho, mas quem tá conduzindo, quem tá segurando isso é o professor. Os saberes dos pequenos não são saberes pequenos, de um lado, em razão da importância decisiva das capacidades mentais, que eles permitem construir, de outro lado, porque requerem um investimento pessoal, que envolve a pessoa inteiramente, e se cabe aos adultos acompanhar mais de perto possível os alunos nas primeiras séries e suas aprendizagens, isso de modo nenhum dispensa esses últimos, mesmo os mais novos, de seu comportamento e de seu esforço, é preciso de uma energia, de uma vontade tão grande para se iniciar nas linguagens fundamentais, quanto para se apropriar dos conhecimentos universitários. (Professora entrevistada)

Este olhar atento, acompanhando de perto o desenvolvimento e os interesses das crianças, não torna a aula da professora um “laissez faire”; pelo contrário, lhe dá “mais trabalho” no sentido de organizar o seu pensamento, o pensamento das crianças, entrecruzando com os objetivos a serem alcançados nessa etapa do ensino.

Outro exemplo do perfil empreendedor da professora entrevistada ocorreu em um outro ano letivo de trabalho. A partir de pesquisas sobre reinos medievais realizadas pelos alunos, em meio a fadas e bruxas de contos de fadas e de diferentes imagens do universo cultural, foi emergindo do contexto de sala de aula a possibilidade da criação de um livro infantil. A obra, intitulada “Cabruxa, a bruxa inventada” (ABREU, 2009), foi escrita e ilustrada pelas próprias crianças e pela professora.

Não bastasse a criação do livro, ele reverberou em inúmeros trabalhos desenvolvidos pelas próprias crianças nas demais escolas da comunidade em que estavam inseridas. As crianças, Protagonistas desde o início, lançaram-se no desafio de serem contadores de histórias para outras crianças, conforme a própria professora explicou na entrevista: “As crianças [autoras] contaram história, isso foi fantástico, porque as outras crianças [de outras escolas] diziam, ‘você fizeram o livro?’, eles diziam ‘sim’, então foi aquela coisa de ver que eles podiam, que criança podia produzir um livro com a ajuda de um adulto”. Esse comentário, em que a professora dá destaque ao que crianças de outras escolas fizeram às crianças autoras, exemplifica o Protagonismo presente em todas as crianças.

As crianças autoras do livro perceberam também que o próprio livro estava sendo estudado em outros locais, conforme apresentou a professora:

A gente foi pra várias escolas e eles contaram a história, cada uma contava um pedaço da história, e eu ia narrando, e ia contando toda a história praquela

C o m p l e x o d e E n s i n o S u p e r i o r d e C a c h o e i r i n h a

grupo de crianças. Foi muito legal! Foi um projeto que reverberou por muitos espaços. Fomos em escola do estado, particular, municipal, creche... E, uns anos depois, uma das creches fez todo um trabalho com o livro da Cabruxa, então meus ex-alunos que haviam escrito o livro, e já estavam no terceiro ano, viram na exposição das creches municipais, o estande que tinha a “Cabruxa a bruxa inventada” e perceberam todo o trabalho que tinha sido feito em outro espaço a partir do livro produzido por eles... (Professora entrevistada).

Nesse sentido, a partir do relato da professora, nota-se que a “Cabruxa”, personagem do livro, foi conhecida também em outros ambientes escolares. Outros alunos, desconhecidos, conheceram os alunos autores a partir do livro, o que gerou nas crianças, já no terceiro ano, uma sensação de reconhecimento e importância muito forte.

A partir desse exemplo, fica claro que o Protagonismo Infantil e as características empreendedoras da professora se complementaram e proporcionaram o crescimento dos envolvidos, o que formou na professora uma sensação de encorajamento para continuar experimentando coisas diferentes com as crianças: “*Hoje eu me sinto mais encorajada a fazer qualquer coisa, mas quando eu comecei a fazer esses projetos mais diferenciados eu não sabia o que eu iria enfrentar*”.

Quando a professora coloca que não sabia o que iria enfrentar, mas que, mesmo assim, lançou-se ao desafio e à busca de seu sonho, ela traz à tona a característica empreendedora de assumir riscos calculados, a qual, segundo Dornelas (2001), ocorre quando o empreendedor sabe gerenciar os riscos, avaliando as reais chances de sucesso. Para o autor, quanto maior o desafio, mais estimulante será a jornada empreendedora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe para discussão que um professor com perfil Empreendedor favorece o desenvolvimento do Protagonismo Infantil na sala de aula. A pesquisa com a professora nos mostrou que isso é possível. Ao longo do artigo, pudemos observar que a entrevistada é uma profissional comprometida com o ensino, e a palavra comprometimento se destaca entre tantas outras competências elencadas como necessárias ao exercício da docência neste século, firmando o compromisso do professor em buscar as soluções necessárias que garantam uma prática pedagógica de qualidade.

A sala de aula exige inovações e estudos constantes e, para estar continuamente empreendendo na Educação Básica, diversas situações devem ser proporcionadas aos alunos. O professor que ainda chega à sala com sua aula pronta para ser “aplicada” pode encontrar dificuldades em colocar-se a par do que os alunos estão necessitando para construir o seu aprendizado. É nas pequenas situações cotidianas que podem emergir as potencialidades necessárias para a inovação e o aprimoramento do conhecimento.

Com a professora deste estudo foi possível perceber o quão importante é fazer um planejamento emergente que contemple as necessidades demonstradas pelos alunos, construindo-o não só para, mas também com os alunos. A docente mostrou ter um olhar macro, isto é, que busca construir aprendizagem em diversas situações, tanto na escola, quanto fora dela. Além disso, a protagonista deste estudo trouxe os pais para participar da vida escolar de seus filhos, mostrando que o ser humano pode agir intencionalmente, modificando e recriando as suas relações. Nesse recriar de aulas, a professora trouxe o seu perfil empreendedor e, com o protagonismo de seus alunos, modificou o fazer diário na escola.

Nesse sentido, acreditamos que o ensino deva surpreender, cativar, conquistar mutuamente alunos e professores a todo momento. O professor empreendedor encanta seus alunos e os seduz, apontando oportunidades, realizando práticas inovadoras e favorecendo novos conhecimentos. Isso foi relatado ao longo deste artigo, mostrando que Empreendedorismo e Protagonismo Infantil podem e devem estar presentes nas salas de aula da Educação Básica.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luciane. **Cabruxa, a bruxa inventada**. 1. ed. Lajeado: Colégio Madre Bárbara, 2009.

_____. **Bruxas, bruxos, fadas, princesas, príncipes e outros bichos esquisitos...**: as apropriações infantis do belo e do feio nas mediações culturais. 2010. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, POA/RS.

_____. **A Invasão dos Ratos** - Roteiro do Audiovisual. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2006 (Certificado de Averbação).

A INVASÃO DOS RATOS. Lajeado/RS: Vise Vídeo Produções e UNIVATES, 2005. 1. dvd (23 min.): Audiovisual son., color.

BERLIM, Clara Geni, et al. **Princípios e práticas do empreendedorismo:** um novo paradigma em educação e psicopedagogia. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 23, n. 70, p. 62-67. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 20 mar. 2015.

DORNELAS, J. C. A. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001, 299 p.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor.** São Paulo: Cultura, 2010, 319 p.

_____ **Pedagogia empreendedora.** São Paulo: Cultura, 2003, 140 p.

EDWARDS, Carolyn. **As Cem Linguagens da Criança:**A abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FORTUNATI, Aldo. **A educação infantil como projeto da comunidade - crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família:** a experiência de San Miniato/ Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GENZ GAULKE, Alvine. **A relação professor-aluno-conhecimento na educação Infantil:** Princípios, práticas e reflexões sobre Protagonismo Compartilhado. 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, POA/RS.

MALAGUZZI, Loris. Histórias, Idéias e Filosofia Básica. In: EDWARDS, Carolyn. **As Cem Linguagens da Criança:**A abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 59 – 104.

MARTINS, Silvana Neumann. **Educação Empreendedora transformando o ensino superior:** diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, POA/RS. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2528. Acesso em 19 mar. 2015.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília:** Escutar, investigar e aprender. Tradução: Vânia Cury. 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ZAMPIER, Marcia Aparecida; TAKAHASHI, Adriana Roseli Wünsch. **Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora:** modelo conceitual de pesquisa. Cadernos EBAPE, Rio de Janeiro, v. 9, Edição Especial, p. 564-585. Jul. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v9nspe1/v9nspe1a07.pdf>. Acesso em 20 mar. 2015.